

Desafios pessoais no cotidiano de fisioterapeutas em um hospital de campanha para tratamento da Covid-19

Personal challenges in the daily life of physiotherapists in a field hospital for the treatment of Covid-19

Retos personales en la vida diaria de los fisioterapeutas en un hospital de campaña para el tratamiento de la Covid-19

Layane Andressa Martins Ramos¹, Paula Thayna Soares Lima¹, Luiz Euclides Coelho de Souza Filho¹, Rodrigo Santiago Barbosa Rocha¹, Ana Cristina Vidigal Soeiro¹.

RESUMO

Objetivo: Conhecer a experiência dos fisioterapeutas de um hospital de campanha, incluindo os desafios pessoais enfrentados durante a pandemia pelo novo coronavírus. **Métodos:** Trata-se de um estudo retrospectivo, transversal, observacional e descritivo, com abordagem quantitativa, realizado com fisioterapeutas que atuaram em um hospital de campanha na cidade de Belém do Pará. A coleta de dados foi realizada no período de fevereiro a maio de 2022, através de questionário original no formato *google forms*. **Resultados:** A experiência vivenciada pelos fisioterapeutas trouxe diversos desafios envolvendo as condições de trabalho, o manejo dos pacientes e a relação com a equipe multiprofissional. Nesse contexto, 85,7% dos fisioterapeutas afirmaram que sua saúde mental foi impactada durante a atuação profissional, e em relação à saúde física, 53,6% dos fisioterapeutas apresentaram alguma doença e/ou sintoma que influenciou no seu cotidiano de trabalho. **Conclusão:** Conclui-se que os fisioterapeutas vivenciaram inúmeros desafios impostos durante a sua atuação no hospital de campanha, a exemplo do enfrentamento de situações de adoecimento, morte e luto. Nesse contexto, observa-se a importância de dar visibilidade à dimensão humana das práticas em saúde.

Palavras-chave: Fisioterapia, Serviços de Saúde, COVID-19.

ABSTRACT

Objective: To know the experience of physiotherapists in a field hospital, including the personal challenges faced during the pandemic caused by the new coronavirus. **Methods:** This is a retrospective, cross-sectional, observational and descriptive study, with a quantitative approach, carried out with physical therapists who worked in a field hospital in the city of Belém do Pará. Data collection was carried out from February to May 2022, through an original questionnaire in the *google forms* format. **Results:** The experience lived by physical therapists brought several challenges involving working conditions, patient management and the relationship with the multidisciplinary team. In this context, 85.7% of the physical therapists stated that their mental health was greatly impacted during their professional performance, and in relation to physical health, 53.6% of the physical therapists had some disease and/or symptom that influenced their daily work. **Conclusion:** It is concluded that physical therapists experienced numerous challenges imposed during their work at the field

¹ Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém - PA.

hospital, such as coping with situations of illness, death and mourning. In this context, the importance of giving visibility to the human dimension of health practices is observed.

Keywords: Physical Therapy, Health Services, COVID-19.

RESUMEN

Objetivo: Conocer la experiencia de fisioterapeutas en un hospital de campaña, incluyendo los desafíos personales enfrentados durante la pandemia provocada por el nuevo coronavirus. **Métodos:** Se trata de un estudio retrospectivo, transversal, observacional y descriptivo, con abordaje cuantitativo, realizado con fisioterapeutas que actuaban en un hospital de campaña de la ciudad de Belém do Pará. La recolección de datos se realizó de febrero a mayo de 2022, a través de un cuestionario original en el formato de *formularios de Google*. **Resultados:** La experiencia vivida por los fisioterapeutas trajo varios desafíos relacionados con las condiciones de trabajo, el manejo del paciente y la relación con el equipo multidisciplinario. En ese contexto, el 85,7% de los fisioterapeutas manifestaron que su salud mental se vio muy afectada durante su desempeño profesional, y en relación a la salud física, el 53,6% de los fisioterapeutas presentaba alguna enfermedad y/o síntoma que influía en su trabajo diario. **Conclusión:** Se concluye que los fisioterapeutas vivieron numerosos desafíos impuestos durante su actuación en el hospital de campaña, como el enfrentamiento de situaciones de enfermedad, muerte y duelo. En este contexto, se observa la importancia de dar visibilidad a la dimensión humana de las prácticas de salud.

Palabras clave: Fisioterapia, Servicios de Salud, COVID-19.

INTRODUÇÃO

A chegada da pandemia da Covid-19 trouxe a necessidade de intervenções terapêuticas complexas, em resposta às múltiplas complicações ocasionadas pela severidade da doença. Como resultado da quantidade de casos graves observada após a eclosão da pandemia, os sistemas de saúde e Unidades de Terapia Intensiva (UTI) foram pressionados a atender altas demandas de pacientes, prestando suporte intensivo de alta complexidade, mesmo em um cenário de escassez de recursos (NABUCO G, et al., 2020).

Conforme relatado em estudos anteriores, o colapso sanitário se intensificou em função de lacunas no acesso a bens e serviços em saúde, incluindo insuficiência de equipamentos de proteção individual (EPI'S), leitos, respiradores e medicamentos, delineando uma crise humanitária mundial sem precedentes (KRETZER L, et al., 2020).

No decorrer dos primeiros meses de pandemia, a evolução clínica dos casos diagnosticados de SARS-CoV-2 apresentou variações, haja vista que muitos pacientes evoluíram de modo satisfatório, manifestando formas leves da doença. Entretanto, uma parcela dos pacientes, especialmente aqueles que apresentavam comorbidades, evoluiu para sintomas graves, resultando em elevadas taxas de óbitos (ISER BPM, et al., 2020). Atualmente, esse perfil de morbimortalidade tem se modificado, em razão do avanço do processo de vacinação da população, que possibilitou a prevenção dos casos graves, a diminuição da taxa de infecções e a redução do número de hospitalizações (CASTRO R, 2021).

Durante a pandemia, os fisioterapeutas atuaram na linha de frente do enfrentamento da doença, exercendo importante papel em todas as etapas do tratamento, e ampliando a sua abrangência para diferentes níveis de atenção em saúde (MUSUMECI MM, et al., 2020; CARVALHO MCT, 2017). Além disso, muitos foram convocados a atuar em hospitais de campanha, a fim de atender ao exponencial número de registros de infecção (NARCISO L, et al., 2020).

Tais locais funcionaram como espaços importantes para a integração e qualificação profissional, apesar de representarem um ambiente novo e desafiador para as ações de cuidado (NORONHA KVMS, et al., 2020). Para exercer as atividades profissionais, além dos cuidados com a higiene, os fisioterapeutas precisavam

utilizar EPI's, devido ao alto risco de contágio da doença. As intervenções eram realizadas em ambientes com portas fechadas e janelas abertas, e com número mínimo de profissionais qualificados para auxiliar nas manobras (SMONDACK P, et al., 2020).

Em UTI, a cautela em relação à proteção dos profissionais também se intensificou como resultado da natureza das intervenções fisioterapêuticas, pois alguns procedimentos aumentavam o risco de infecção, a exemplo das técnicas de higiene brônquica, oxigenoterapia, ventilação mecânica e extubação (FURLANETTO KC, et al., 2020).

Apesar da quantidade de estudos produzidos sobre a atuação técnica dos fisioterapeutas no contexto de pandemia, é necessário dar visibilidade à experiência pessoal dos profissionais que vivenciaram a "linha de frente" dos cuidados em saúde, enfatizando os impactos sobre sua saúde física e mental, haja vista o cenário desafiador imposto por um vírus até então pouco conhecido pela humanidade (BILLINGS J, et al., 2021).

Nesse contexto, o presente estudo visa compreender as experiências dos fisioterapeutas que atuaram na pandemia, particularmente em relação ao cotidiano vivido em um hospital de campanha localizado em Belém do Pará. Certamente, se trata de um tema importante e necessário, sobretudo para desvelar os desafios pessoais enfrentados durante a pandemia da Covid-19, visando à (re)valorização do componente humano da profissão.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo retrospectivo, transversal, observacional e descritivo, com abordagem quantitativa. O projeto foi desenvolvido em ambiente virtual, em função da desativação do Hospital de Campanha do Hangar, na cidade de Belém do Pará, ocorrida no mês de outubro de 2021. A coleta de dados ocorreu entre fevereiro e maio de 2022.

Foram convidados a participar da pesquisa fisioterapeutas que tivessem trabalhado no hospital de campanha, no período de março de 2020 a outubro de 2021. Somente foram incluídos aqueles que aceitaram participar do estudo de forma livre e voluntária, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No total, a pesquisa contou com a participação de 28 fisioterapeutas.

Foi realizado contato prévio por telefone com os fisioterapeutas para explicar a natureza da pesquisa e o procedimento de coleta de dados. Após esse contato e a autorização do participante, foi enviado um e-mail contendo o TCLE e o link do questionário da pesquisa.

O instrumento é original e foi aplicado por meio da plataforma *google forms*, que continha perguntas abertas e fechadas, divididas nos domínios: dados sociodemográficos, jornada de trabalho no hospital de campanha, carga horária semanal, intervenções realizadas com os pacientes, motivação para atuar no hospital de campanha, repercussão da atuação profissional na saúde física e mental e desafios pessoais enfrentados. A coleta de dados foi iniciada após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o parecer nº 5.223.734 e CAAE nº 54026421.7.0000.5174.

RESULTADOS e DISCUSSÃO

De acordo com dados obtidos junto à gestão hospitalar, aproximadamente 82 fisioterapeutas desenvolveram atividades no Hospital de Campanha do Hangar, durante a pandemia da Covid-19. Foi enviado convite a todos os profissionais, sendo que 28 concordaram em participar, mediante registro do TCLE e resposta ao protocolo da pesquisa. O perfil sociodemográfico desses participantes consta na **Tabela 1**.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico dos fisioterapeutas que atuaram no Hospital de Campanha.

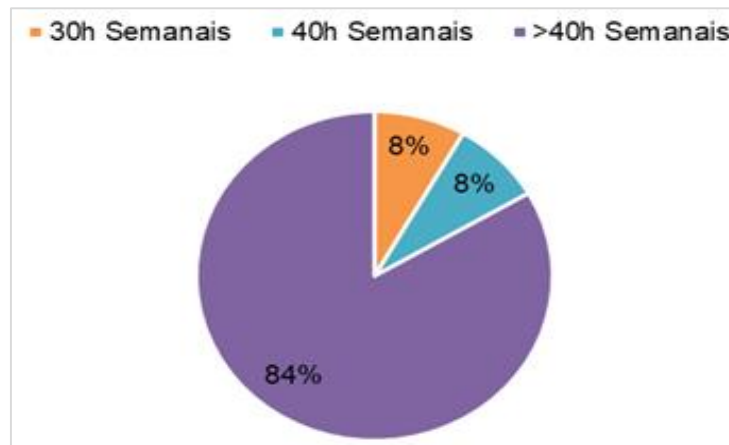
Variável	N°	%
Idade		
De 21 a 30 anos	18	64,3%
De 31 a 40 anos	7	25%
De 41 a 50 anos	2	7,1%
De 51 a 60 anos	1	3,6%
Gênero		
Feminino	19	67,9%
Masculino	9	32,1%
Tempo de formação		
De 1 a 2 Anos	11	39,3%
De 3 a 5 Anos	7	25%
De 6 a 10 Anos	4	14,3%
De 11 a 23 Anos	5	17,9%
Maior titulação		
Graduação	4	14,3%
Residência	1	3,6%
Especialização (Lato Sensu)	19	67,9%
Mestrado	4	14,3%
Área de atuação		
Fisioterapia em Terapia Intensiva	14	50%
Fisioterapia Cardiorrespiratória	2	7,2%
Ambas as áreas	12	42,8%
Sector de atuação no Hangar		
Unidade de Terapia Intensiva	14	50%
Enfermaria	3	10,7%
Ambos os setores	11	39,3%
Experiência prévia com paciente crítico		
Sim	25	89,3%
Não	3	10,7%
Realizou curso específico para atendimento a COVID-19		
Sim	14	50%
Não	14	50%

Fonte: Ramos LAM, et al., 2023.

Com relação à jornada de trabalho, 24 (85,7%) participantes declararam trabalhar em mais de um local, e 4 (14,3%) atuavam somente no Hospital de Campanha. Em relação à carga horária de trabalho semanal, a maioria tinha mais de 40 horas de trabalho, como demonstra o **Gráfico 1**.

Neto COL, et al. (2022) afirmaram que a pandemia da Covid-19 trouxe consequências graves e desvelou um sofrimento difuso e crescente dos trabalhadores, que foram submetidos a uma extenuante carga horária de trabalho. Stehman CR, et al. (2019) também ressaltaram que as extensas jornadas de trabalho e as dificuldades vivenciadas por esses profissionais intensificaram a presença de Síndrome de Burnout, como resultado da sobrecarga decorrente do cotidiano de trabalho.

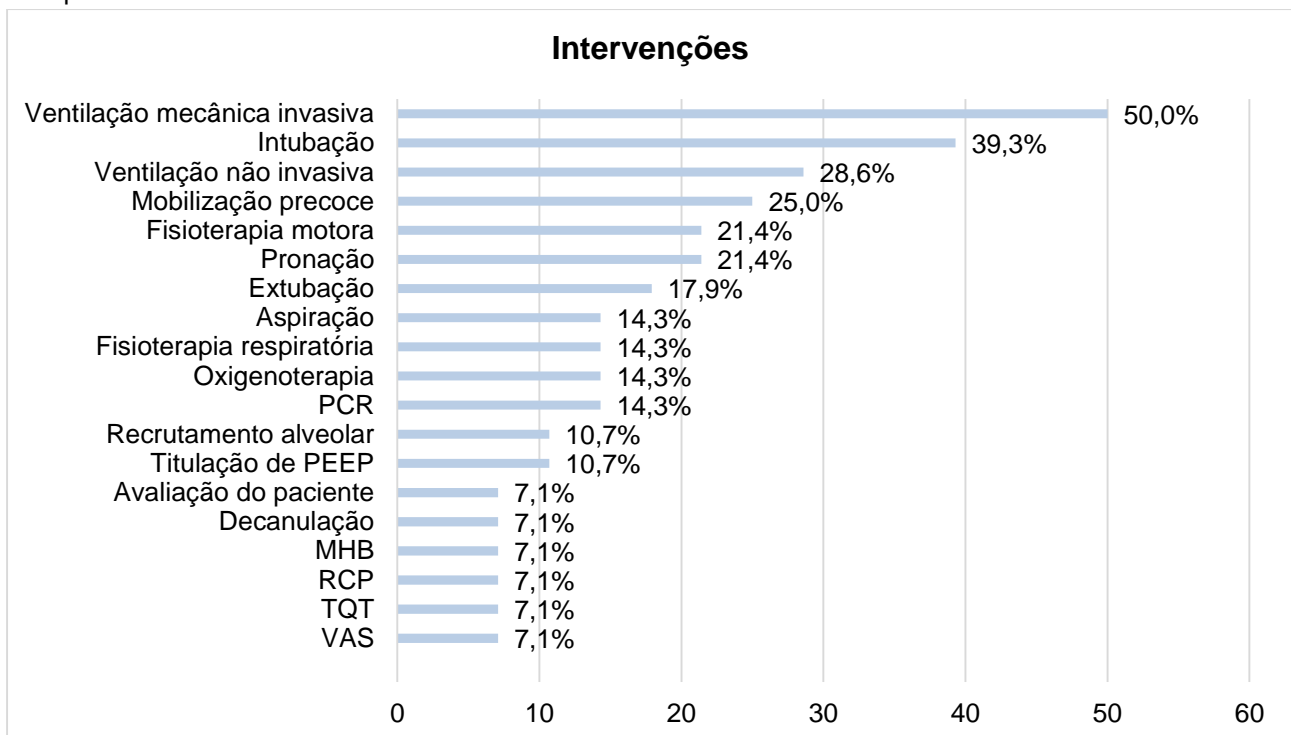
Gráfico 1 – Carga horária de trabalho semanal realizada pelos fisioterapeutas que atuaram no Hospital de Campanha.



Fonte: Ramos LAM, et al., 2023.

Com relação ao tipo de atividade desenvolvida junto aos pacientes hospitalizados, foram mencionadas várias modalidades de intervenção, conforme demonstrado no **Gráfico 2**.

Gráfico 2 – Síntese das principais intervenções realizadas pelos fisioterapeutas que atuaram no Hospital de Campanha.



Fonte: Ramos LAM, et al., 2023.

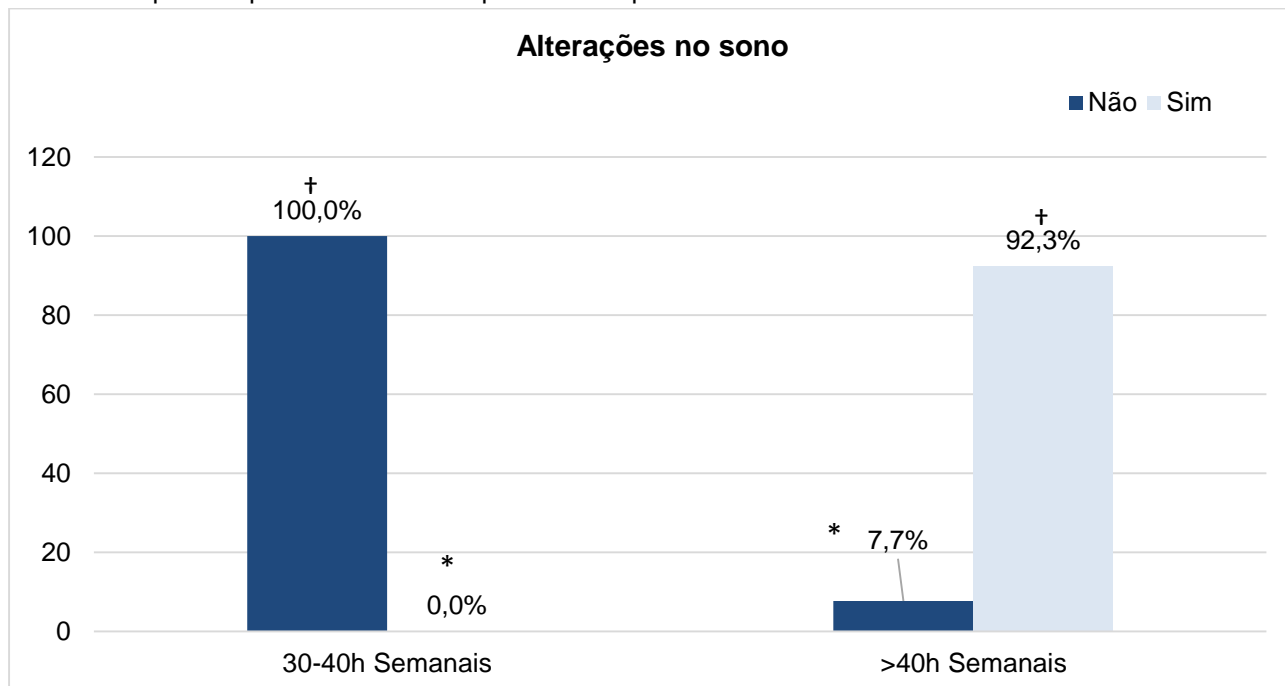
Nas enfermarias, o fisioterapeuta tem o objetivo de reduzir consequências que o imobilismo proporciona, assim como diminuir o tempo de internação hospitalar (FERREIRA J, et al., 2017). Ademais, deve-se avaliar o risco de complicações e grau de funcionalidade, bem como executar tratamento das morbidades, evitando a evolução para UTI's (CORDEIRO AL e LIMA TG, 2017). No ambiente de UTI, o fisioterapeuta busca proporcionar maior qualidade de vida durante a internação, diminuindo as chances de complicações após alta hospitalar, aprimorando a dinâmica respiratória, cardiovascular e musculoesquelética, sendo amplamente utilizada a mobilização precoce, ventilação mecânica e intubação (CIRQUEIRA MAS, 2020).

Quando perguntados sobre a motivação para atuar no hospital de campanha, 11 (39,3%) apontaram a oportunidade de adquirir experiência como principal fator de ingresso, 10 (35,7%) pela oportunidade de emprego, 8 (28,6%) pelo desejo de contribuir para a sociedade devido à pandemia 2 (7,1%) pela possibilidade de levar ajuda as pessoas necessitadas. Tal resultado demonstra que além dos fatores motivacionais de ajuda, a conjuntura econômica também interferiu nessa escolha, isso porque, para muitos fisioterapeutas, a criação dos hospitais de campanha também representou a possibilidade de ingressar ou se manter no mercado de trabalho, ainda que temporariamente (MACIEL RT, 2017).

Foi perguntado se a experiência no Hangar havia afetado a saúde física e mental dos profissionais de fisioterapia. Com relação à saúde física, 7 (25%) fisioterapeutas disseram que tiveram a saúde física muito afetada, 11 (39,3%) parcialmente afetada e 10 (35,7%) não tiveram a saúde física afetada pelo cotidiano de trabalho. No entanto, dentre os profissionais entrevistados, 15 (53,6%) tiveram doenças ou sintomas físicos em decorrência das atividades desenvolvidas no Hangar, entre eles: alterações no sono (80%), fadiga muscular (60%), tensão muscular (73,3%), dores no corpo (53,3%), infecção por COVID-19 (33,3%), infecção urinária (6,7%), perda de cabelo (6,7%) e lesões por esforço repetitivo (6,7%).

Realizou-se uma análise comparativa entre os participantes que apresentaram alteração no sono e a sua jornada de trabalho, constata no **Gráfico 3**. Observou-se que, quanto maior a carga horária de trabalho semanal, maior o impacto na qualidade do sono.

Gráfico 3 – Comparação entre a prevalência de alterações no sono e a carga horária de trabalho semanal dos fisioterapeutas que atuaram no Hospital de Campanha.



Legenda: Foi utilizado o Teste Exato de Fisher: $p=0,029$. *: esta frequência foi inferior ao que seria esperado ao acaso. †: essa frequência foi superior ao esperado.

Fonte: Ramos LAM, et al., 2023.

Os participantes relataram que tinham preocupações frequentes em relação a sua saúde e de pessoas próximas, incluindo o medo de se contaminar e transmitir o vírus Sars-CoV-2, acrescentando que isso trouxe graves consequências para sua saúde mental (SILVA MN, et al., 2021; OLIVEIRA EN, et al., 2020; SCHONS AK, et al., 2021).

Ao abordar o impacto das experiências vivenciadas, 6 (21,4%) responderam que tiveram a saúde mental muito afetada, 18 (64,3%) parcialmente afetada, e 4 (14,3%) não observaram a saúde mental afetada pelo cotidiano da pandemia.

Quando questionados sobre o desenvolvimento de transtornos mentais ou problemas psicológicos em decorrência das atividades desenvolvidas no Hangar, 8 (28,6%) profissionais desenvolveram algum transtorno psicológico, incluindo ansiedade (87,5%), e Síndrome de Burnout (12,5%).

Os dados corroboram outras pesquisas que identificaram os impactos na saúde mental dos profissionais de saúde durante a pandemia, com intensificação de sintomas relacionados à ansiedade e depressão (BEZERRA GD, et al., 2020; SILVA MN, et al., 2021; KARSTEN M, et al., 2020; REGO S, et al., 2020).

Outro aspecto indagado incluiu a privação nas relações sociais durante o período de pandemia. Nesse contexto, 10 fisioterapeutas (35,7%) afirmaram que suas relações interpessoais foram muito limitadas, 13 (46,4%) parcialmente limitadas, e 5 (17,9%) não enfrentaram limitações nesse aspecto. De modo geral, os maiores impactos ocorreram nas interações com pai/mãe (56,5%), cônjuges e filhos (43,4%), amigos (56,5%), e na impossibilidade de frequentar lugares de sua preferência (43,4%).

Os períodos de quarentena também intensificaram de forma expressiva o sofrimento mental, especialmente em razão das restrições sociais e do isolamento, realidade vivenciada por muitos profissionais da linha de frente, que experimentaram um ambiente de forte pressão psicológica, marcado pela necessidade de decisões difíceis e complexas.

Apesar de todas as adversidades, a valorização profissional percebida ajudou a amenizar as tensões, estimulando a coragem, esperança e um sentimento de responsabilidade coletiva, que ainda persevera na memória desses fisioterapeutas (OLIVEIRA EN, et al., 2020; SCORCORSOLINI-COMIN F, et al., 2020; TEIXEIRA CFS, et al., 2020; MARTINS C, et al., 2022; BILLINGS J, et al., 2021).

Com relação aos impactos sobre a fé, religiosidade e espiritualidade dos profissionais, 15 (53,6%) relataram que foram muito impactados, 5 (17,8%) parcialmente impactados, e 8 (28,6%) não foram impactados pelas situações vivenciadas durante a pandemia. Aos que responderam positivamente, foi solicitado que relatassem uma situação na qual esse impacto havia sido marcante, conforme descrevem os relatos:

P1 “O primeiro ganho de fé, foi após o primeiro plantão da minha vida [...] eu não perdi nenhum paciente nesse dia. Eu saí do hospital, sem ver a luz do sol, depois de um dia inteiro, e o sol tava lá fora lindo e reluzente, e foi como se Deus falasse comigo e dissesse: “Você conseguiu, você é capaz, e eu estou aqui com você!”. Eu chorei tanto e senti um alívio e acalento, e isso me deu forças pra continuar naquela lida diária [...]”.

P2 “Teve uma situação de uma paciente [...] ela foi intubada, ficou gravíssima, praticamente desenganada, e consegui sair de lá andando, provando que a explicação para aquilo tudo era um milagre de Deus”.

P3 “Os pacientes rezavam pela nossa saúde para que nós pudéssemos ajudar outros [...]”.

Os relatos apontam alguns desafios pessoais impostos aos fisioterapeutas no contexto da pandemia por Covid-19. Nesse sentido, observa-se que a fé, religiosidade e espiritualidade desempenharam importante papel na compreensão e enfrentamento das adversidades, incluindo as perdas e as transformações vividas.

Estudos já demonstraram que a espiritualidade e a busca do sentido de vida ajudam a ressignificar situações de crise, potencializando a resiliência e esperança em dias melhores (TEIXEIRA VMS, et al., 2021).

Os participantes também foram questionados em relação aos impactos das situações de luto e morte. Do total de fisioterapeutas, 8 (28,5%) responderam que seu estado emocional havia sido muito afetado pelas perdas enfrentadas, 15 (53,6%) parcialmente, e 5 (17,9%) não haviam sido afetados.

Também foi perguntado se em algum momento houve a necessidade de lidar com alguma situação difícil ou problemática, sob o ponto de vista ético, 14 (50%) participantes responderam afirmativamente e 14 (50%) negativamente. Algumas situações são relatadas a seguir:

P1 “[...] tava atendendo na minha enfermaria [...] e vi que uma paciente não precisava de ventilação não invasiva [...] estava bem e só precisava de repouso e uso de oxigenioterapia [...] A médica inicia sua visita, me chama, e me informa que a paciente em questão precisava de VNI [...] eu disse que no momento, não, pois já tinha avaliado a mesma e estava bem. A médica não gostou do que eu falei [...] não fiz o que ela pediu, pois já tinha avaliado e atendido a paciente que tava bem, se fizesse a mesma poderia piorar; segui o que aprendi com meus mestres e doutores ao longo da minha formação [...]”.

P2 “Paciente evoluía com piora clínica e sinais de disfunção de múltiplos órgãos, a família não aceitou palição [...]”.

P3 “Condutas da equipe de enfermagem, esqueciam de trocar medicação, aplicavam medicação incorreta. Condutas do médico de plantão, chegar super atrasado, protelar procedimentos que talvez salvassem a vida, e por conta disso perdemos muitos pacientes”.

P4 “Às vezes a discordância [...] Muitos pediam para “segurar” o paciente em uma ventilação não invasiva, quando já se tinha todos os requisitos para uma intubação precoce [...]”.

P5 “Médico querendo determinar conduta fisioterapêutica, desrespeitando nossa classe”.

P6 “Escolher prioridades de atendimentos”.

Dessa forma, lidar com a morte e o luto de pacientes pode representar uma situação emocionalmente desestabilizadora, levando o profissional a experimentar uma sensação de impotência e fracasso (MAGALHÃES MV e MELO SCA, 2015).

Entretanto, embora a elevada taxa de óbitos no hospital de campanha tenha sido compreensível em razão da letalidade do vírus, alguns relatos mencionaram a falta de consenso nas escolhas e condutas terapêuticas realizadas pela equipe multiprofissional.

Tal achado demonstra a importância da capacitação prévia e do compartilhamento de vivências entre os profissionais, de modo a garantir a integralidade do atendimento, assegurando o bem-estar do paciente, o que requer ética e responsabilidade profissional (BAUMAN Z, et al., 2018; FERNANDES MA e SILVA JC, 2017; BORGES EMN, et al., 2021).

De modo geral, as respostas apontaram que as questões mais problemáticas sob o ponto de vista ético, envolviam decisões sobre o caráter prioritário dos atendimentos, e sobre a alocação de recursos terapêuticos, incluindo medidas de suporte avançado de vida (SATOMI E, et al., 2020).

Além disso, foi mencionado o relacionamento entre a equipe de trabalho, revelando que as discordâncias acerca do plano de tratamento e evolução do paciente, eram questões frequentes. Assim, a ausência de um protocolo padrão a ser adotado, pode ter ocasionado algumas dessas divergências.

No contexto dos desafios vivenciados durante a atuação no Hangar, os participantes destacaram diversos aspectos, relacionados às condições de trabalho, aos pacientes e à equipe de saúde como demonstrado na **Tabela 2**.

Tabela 2 – Principais desafios vivenciados pelos fisioterapeutas durante a atuação no Hospital de Campanha.

Variável	N°	%
Em relação às condições de trabalho		
Desgaste físico e emocional da equipe	22	78,6%
Escassez de recursos terapêuticos	19	67,9%
Risco de contaminação por lacunas nas medidas de biossegurança	19	67,9%
Desvalorização do profissional	17	60,7%
Baixa remuneração	16	57,1%
Natureza da atividade	16	57,1%
Desorganização na gestão dos serviços	10	35,7%
Em relação aos pacientes		
Quantidade de óbitos	26	92,9%
Gravidade da doença	24	85,7%
Lidar com as demandas emocionais do paciente frente à doença e à morte	22	78,6%
Incerteza em relação à evolução clínica	20	71,4%
Ter que fazer escolhas éticas difíceis ou conflitantes	19	67,9%
Rápida evolução dos sintomas	18	64,3%
Manejar e/ou comunicar notícias difíceis junto ao paciente	5	17,9%
Conflito de condutas em relação aos médicos	1	3,6%
Em relação à equipe de saúde		
Discordância sobre métodos utilizados	16	57,1%
Desentendimentos pessoais	5	17,9%
Falta de interação entre a equipe de saúde	5	17,9%
Falta de liberdade de escolha quanto à conduta	1	3,6%
Inexperiência dos profissionais recém formados e falta de interesse em ajudar	1	3,6%

Fonte: Ramos LAM, et al., 2023.

Como foi possível constatar nas respostas, a pandemia desvelou diversas situações novas para os fisioterapeutas, as quais ainda precisam ser melhor compreendidas. No entanto, revelam a íntima relação entre as questões pessoais e profissionais, demonstrando a importância de dar visibilidade aos conflitos e dificuldades encontrados, como um caminho para o aprendizado e construção histórica da profissão (BORGES EMN, et al., 2021).

Atualmente, as demandas emocionais dos profissionais de saúde muitas vezes não são reconhecidas e validadas, em razão da suposição equivocada de que o manejo das emoções é uma condição intrínseca à atividade profissional. Como resultado, mesmo em situações de forte pressão psicológica, muitos profissionais mantêm em silêncio seu sofrimento, o que pode abalar inclusive a relação com pacientes, familiares e com a equipe de trabalho (PAULA ACRD, et al., 2021). Apesar de todos os desafios enfrentados, ao serem questionados sobre o seu grau de satisfação com a atuação no Hospital de Campanha, 15 (53,6%) profissionais relataram muita satisfação, 11 (39,3%) relataram satisfação, e apenas 2 (7,1%) estavam pouco satisfeitos. Acerca das experiências mais marcantes, os participantes mencionaram os aprendizados pessoais e profissionais (82,1%), a oportunidade de atuação no contexto da pandemia (7,1%), o

reconhecimento e valorização da profissão (3,6%), a oportunidade de contribuir para a melhora da qualidade de vida do paciente (3,6%), e a chance de diminuir o número de óbitos (3,6%). Além disso, foi solicitado que descrevessem a situação mais marcante na linha de frente do enfrentamento da pandemia:

P1 “[...] guardo na memória um rapaz jovem, chegou saturando 87%, ele segura em minhas mãos e diz: Não me deixa morrer, eu tenho uma filha de 3 anos e a minha esposa está grávida! Olho para o lado e vejo: Não há leito na UTI, e eu me sinto no dever e na responsabilidade de devolvê-lo à família. Então avalio aquele paciente e percebo que mais do que hipoxemia, ele sofre de ansiedade. Coloco uma máscara com reservado, enquanto tento acalmá-lo para realizar uma VNI. Ele olha nos meus olhos aflitos e diz: Fica perto de mim, tô com muito medo de morrer, estou só aqui [...]. Sua família, durante dias, seríamos nós, a equipe multi, e tínhamos como obrigação tornamos aquele momento menos doloroso”.

P2 “[...] a mais marcante foi um paciente jovem que recebi, proveniente de outro município, veio intubado e grave, ficou 7 dias em VMI, único filho de uma família. Fiquei imaginando que poderia ser eu, esta mãe angustiada, sem saber como estava o filho lá dentro do Hangar, e quantas não receberam apenas o corpo. Então, depois de 7 dias, extubei. E depois de mais 7 dias em recuperação, recebeu alta, e veio uma comitiva evangélica o receber na porta do Hangar. Quando fomos levá-lo, começaram a cantar louvores, então vi a mãe e o pai de joelhos, agradecendo a Deus e aos profissionais que cuidaram dele! Senti uma paz em minha alma e coração, pois prometi que enquanto eu estivesse bem de saúde, iria me dedicar a cuidar daqueles pacientes [...], pois lutava pelo bem maior que o ser humano tem, a vida!”.

P3 “Um paciente do interior, com a mesma idade que eu, obeso, hipertenso, de difícil sedação e ventilação, foi pronado 10 vezes, foi traqueostomizado, contaminou por acinetobacter, voltou pra ventilação, pronou mais 3 vezes, depois teve uma decanulação difícil e mobilização mais difícil ainda, pois exigia toda a equipe. E toda a equipe estava disposta a ajudá-lo, quando ele mesmo não queria mais. Esse foi o único paciente obeso que sobreviveu no HCH. Com o caso dele, reforçou que não importa as barreiras, mas sim a vontade de dar o melhor pelo paciente [...]”.

P4 “[...] A cada paciente, existia uma história [...] às vezes chegavam pacientes que nem queriam ir de alta, pois lá, estavam se alimentando bem. Muito triste ouvir isso [...]”.

P5 “Sem dúvida o que mais marcou foi quando houve uma queda de oxigênio e mais de 50 leitos ficaram sem. Muitos pacientes entrando em PCR e poucos profissionais para dar conta. Essa cena, de toda correria e gritaria, nunca mais saiu da minha mente. Em ter que escolher qual paciente salvar e a equipe sem saber fazer essa escolha. No fim, conseguimos nos ajudar, trabalhamos como uma equipe multiprofissional em prol daquelas vidas. Isso sem dúvida me marcou muito”.

P6 “Houve um paciente idoso que foi intubado mais de uma vez, pronado várias vezes, e mesmo com todas as probabilidades, conseguimos (a equipe) realizar sua extubação após um longo processo, e ele teve alta para casa. No dia, foi um sentimento de que era possível vencer a doença e me senti confiante e feliz”.

P7 “Um paciente tirar sua máscara de VNI, para dar a outra pessoa que estava precisando. “Toma, usa o meu, já estou bem, ele está precisando”. Ambos saíram de alta”.

Por fim, foi solicitado aos participantes que escolhessem uma palavra para representar a experiência pessoal de atuação no Hospital. As expressões citadas encontram-se representadas na **Figura 1**, em forma

de nuvem de palavras, onde quanto maior a palavra, maior a quantidade de citações. Observa-se que a palavra mais citada foi superação. Tal expressão está relacionada à capacidade de resiliência, a qual auxilia na adaptação aos estressores, mesmo na presença de situações geradoras de sofrimento, a exemplo daquelas relatadas pelos fisioterapeutas, o que justifica também a satisfação apontada em relação ao trabalho desenvolvido (DANTAS ESO, 2021).

Figura 1 – Compilado de palavras escolhidas pelos participantes para representar a sua experiência durante a atuação.



Nota: imagem construída com o programa Microsoft Powerpoint.

Fonte: Ramos LAM, et al., 2023.

CONCLUSÃO

Concluiu-se que os efeitos do cenário pandêmico resultaram em impactos na saúde física e mental dos fisioterapeutas, embora a maioria deles tenha avaliado positivamente a experiência. Os depoimentos apresentados foram ricos em afeto e revelaram que as experiências de adoecimento, morte e luto precisam ser discutidas na formação e prática profissional, como parte da educação continuada dos fisioterapeutas. Por fim, os relatos traduzem o potencial de superação diante das adversidades, e a possibilidade de enriquecimento da relação com pacientes, familiares e equipes, a partir das experiências compartilhadas no cenário pandêmico. Cabe ressaltar as limitações relacionadas à generalização dos resultados para outras regiões do país, mas pretende-se que eles reforcem a importância de dar visibilidade à dimensão humana das práticas fisioterapêuticas.

REFERÊNCIAS

1. BAUMAN Z, et al. A individualidade numa época de incertezas. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
2. BEZERRA GD, et al. O impacto da pandemia por COVID-19 na saúde mental dos profissionais de saúde: revisão integrativa. Revista Enfermagem atual in derme, 2020; 93: e020012.

3. BILLINGS J, et al. Experiences of frontline healthcare workers and their views about support during COVID-19 and previous pandemics: a systematic review and qualitative meta-synthesis. *BMC health services research*, 2021; 21(1): e923.
4. BORGES EMN, et al. Percepções e vivências de enfermeiros sobre o seu desempenho na pandemia da COVID-19. *Rev Rene*, 2021; 22: e60790.
5. CARVALHO MCT. Escopo de prática de fisioterapia: similaridades, divergências e particularidades da profissão entre países selecionados. Tese de Doutorado (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017; 252p.
6. CASTRO R. Vacinas contra a Covid-19: o fim da pandemia. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 2021; 31: e310100.
7. CIRQUEIRA MAS. Percepção dos profissionais de fisioterapia acerca da fraqueza muscular adquirida na unidade de terapia intensiva. Monografia de Graduação (Graduação em Fisioterapia) – Faculdade Maria Milza, Bahia, 2020; 65p.
8. CORDEIRO AL e LIMA TG. Fisioterapia em unidades de emergência: uma revisão sistemática. *Revista Pesquisa em Fisioterapia*, 2017; 7(2).
9. DANTAS ESM. Saúde mental dos profissionais de saúde no Brasil no contexto da pandemia por Covid-19. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 2021; 25: e200203.
10. FERNANDES MA e SILVA JS. Sentimentos e emoções de trabalhadores de enfermagem frente a acidentes de trabalho: uma revisão integrativa. *Revista Prevenção de Infecção e Saúde*, 2017; 3(2).
11. FERREIRA J, et al. Atuação do fisioterapeuta em enfermagem hospitalar no Brasil. *Fisioterapia Brasil*, 2017; 18(6).
12. FURLANETTO KC, et al. Recursos e técnicas fisioterapêuticas que devem ser utilizadas com cautela ou evitadas em pacientes com COVID-19. *ASSOBRAFIR Ciência*, 2020; 11(1).
13. ISER BPM, et al. Definição de caso suspeito da COVID-19: uma revisão narrativa dos sinais e sintomas mais frequentes entre os casos confirmados. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 2020; 29: e2020233.
14. KARSTEN M, et al. A pandemia da COVID-19 trouxe desafios e novas possibilidades para a Fisioterapia no Brasil: estamos preparados?. *Revista Pesquisa em Fisioterapia*, 2020; 10(2).
15. KRETZER L, et al. Recomendações da Amib (Associação de Medicina Intensiva Brasileira), Abramede (Associação Brasileira de Medicina de Emergência), SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia) e ANCP (Academia Nacional de Cuidados Paliativos) de alocação de recursos em esgotamento durante a pandemia por covid-19. São Paulo: Amib, 2020.
16. MACIEL RT. Perspectivas e motivações para a escolha da especialização: um estudo com graduandos de fisioterapia. *Revista Brasileira de Saúde Funcional*, 2017; 1(1).
17. MAGALHÃES MV e MELO SCA. Morte e luto: o sofrimento do profissional da saúde. *Psicologia e Saúde em debate*, 2015; 1(1).
18. MARTINS C. Dificuldades e desafios enfrentados pela equipe de enfermagem frente ao cenário da pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, 2022; 11(6): e4311627150.
19. MUSUMECI MM, et al. Recursos fisioterapêuticos utilizados em unidades de terapia intensiva para avaliação e tratamento das disfunções respiratórias de pacientes com COVID-19. *ASS Ciê*, 2020; 11(1).
20. NABUCO G, et al. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde?. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 2020; 15(42): e2532.
21. NARCISO L, et al. O exercício da medicina no enfrentamento da COVID-19: vulnerabilidades e necessidades protetivas. *Observatório Covid-19 Fiocruz*, 2020.
22. NETO COL, et al. Saúde mental e emocional dos profissionais de saúde frente à pandemia da Covid-19. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2022; 15(9): e10887.
23. NORONHA KVMS, et al. Pandemia por COVID-19 no Brasil: análise da demanda e da oferta de leitos hospitalares e equipamentos de ventilação assistida segundo diferentes cenários. *Cadernos de Saúde Pública*, 2020; 36(6): e00115320.
24. OLIVEIRA EN, et al. Com a palavra os profissionais de saúde na linha de frente do combate à COVID-19. *Research, Society and Development*, 2020; 9(8): e30985145.
25. PAULA ACR, et al. Reações e sentimentos dos profissionais de saúde no cuidado de pacientes hospitalizados com suspeita covid-19. *Revista gaúcha de enfermagem*, 2021; 42.
26. REGO S, et al. Saúde mental dos trabalhadores de saúde em tempos de coronavírus. 2020.
27. SATOMI E, et al. Alocação justa de recursos de saúde escassos diante da pandemia de COVID-19: considerações éticas. *Einstein*, 2020; 18.
28. SCHONS AK, et al. Sentimentos vivenciados por profissionais de saúde na linha de frente da covid-19. *Intern Saúde*, 2021.
29. SCORSOLINI-COMIN F, et al. A religiosidade/espiritualidade como recurso no enfrentamento da COVID-19. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 2020; 10.

30. SILVA MN, et al. A COVID-19 e o impacto da pandemia na saúde mental dos profissionais de fisioterapia: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 2021; 10 (17): e183101724259.
31. SMONDACK P, et al. Kinésithérapie et COVID-19: de la réanimation à la réhabilitation à domicile. *Synthèse des recommandations internationales. Revu Des Malad Respiratoires*, 2020; 37(10).
32. STEHMAN CR, et al. Burnout, drop out, suicide: physician loss in emergency medicine, part I. *Western Journal of Emergency Medicine*, 2019; 20(3): e105811.
33. TEIXEIRA CFS, et al. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. *Ciencia & saude coletiva*, 2020; 25: e3465.
34. TEIXEIRA VMS, et al. Espiritualidade entre os profissionais da saúde que atuam na linha de frente do enfrentamento à COVID–19, em um município do Sudoeste da Bahia e sua correlação com a qualidade de vida, transtornos mentais e medo da COVID. *Research, Society and Development*, 2021; 10(10): e545101019196.